

PATH E ILHA SEMÂNTICA; PLACE E CONDIÇÃO DE REFERENCIALIDADE
PATH AND SEMANTIC ISLAND; PLACE AND CONDITION OF REFERENTIALITY

Teresa Cristina Wachowicz¹

RESUMO

Este trabalho faz um recorte teórico: o comportamento de traços PATH e PLACE, em fenômenos do português brasileiro (PB) em que a posição de sujeito é preenchida por outro constituinte, que não o agente. Dados como *João temperou a carne > A carne temperou* opõem-se aos de tipo *João atravessou a rua > ?A rua atravessou*. No segundo caso, PATH, dado pela extensão de *a rua*, contribui para o significado temporal do evento *atravessar*; e isso causa restrição. Quanto ao traço PLACE, observamos maior licenciamento quando ele se realiza: *Firmino entrou a bola no gol* e *Ele correu os meninos da sala*. Mesmo em sentenças em que não há sujeito agente implícito, este traço parece favorecer a interpretação: *Maria secou a roupa no varal > O varal secou a roupa*. Os fenômenos, tradicionalmente conhecidos como “alternância causativa”, “causativização de intransitivos” e “inversão locativa” já foram amplamente discutidos (NAVES; LUNGUINHO, 2013; CANÇADO; AMARAL, 2010; NEGRÃO; VIOTTI, 2011). Mas nossa intenção é adotar uma alternativa teórica que generalize os diferentes tratamentos, recorrendo à Nanossintaxe (STARKE, 2009; RAMCHAND, 2008, 2017; RAMCHAND; SVENONIOUS, 2014; PANTCHEVA, 2009, 2011; CAHA, 2009; e no PB, FERREIRA, 2017, PIRES, 2016). Dados de produção e compreensão de crianças em fase de aquisição do PB corroboram as hipóteses de que PATH é restrição para movimentos, ao passo que PLACE licencia mais fenômenos.

Palavras-chave: nanossintaxe; primitivos semânticos; aquisição de língua materna.

¹ *Professora Associada do Departamento de Linguística e Literatura, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: tecacw@gmail.com

ABSTRACT

This paper has a theoretic object: the behavior of PATH and PLACE semantic features in Brazilian Portuguese (PB) in sentences where the subject position is fulfilled by non-agent constituents. Alternations like *João temperou a carne > A carne temperou* (*John seasoned the meat > The meat seasoned*) are contrasted by *João atravessou a rua > ?A rua atravessou* (*John crossed the street > ? The street crossed*). In the later example, PATH, maintained by the street extension, contributes to temporal development of the *crossing* event; and this is a semantic constraint. PLACE, on the other hand, allows for more readings: *Firmino entrou a bola no gol* and *Ele correu os meninos da sala* (*Firmino entered the ball into the goal* and *He ran the boys out of the room*). Even in non-explicit agent sentences, this feature facilitates interpretation: *Maria secou a roupa no varal > O varal secou a roupa* (*Mary dried dresses at the clothes-line > The clothes-line dried the dresses*). These phenomena are traditionally called ‘causative alternation’, ‘causativization of intransitives’ and ‘locative inversion’, and have been widely investigated (NAVES; LUNGUINHO, 2013; CANÇADO; AMARAL, 2010; NEGRÃO; VIOTTI, 2011). But our aim is to choose an alternative theory that could give us a generalized approach, as in the nanosyntax approach (STARKE, 2009; RAMCHAND, 2008, 2017; RAMCHAND; SVENONIOUS, 2014; PANTCHEVA, 2009, 2011; CAHA, 2009; and at PB, FERREIRA, 2017, PIRES, 2016). Production and comprehension data from PB acquisition corroborate the hypothesis that PATH is a constraint, and PLACE is a collaborative feature for movements.

Keywords: nanosyntax; semantic primitives; first language acquisition.

1. Introdução

A linguística do português brasileiro (PB) já há anos vem evidenciando um fenômeno intrigante, em que a posição de sujeito é preenchida por outro constituinte da sentença, que não o sujeito proto-agente, termo proposto por Dowty (1991). Mas há restrições, especialmente do ponto de vista de outros vetores semânticos.

Em estruturas transitivas, em que há um sujeito agente e um objeto paciente, envolvidos numa relação de causa, acontece o fenômeno da alternância causativa, tomando-se aqui “alternância” como inversão de posição de argumentos na estrutura (LEVIN & RAPPAPORT, 2006):

- (1) João cozinhou o macarrão > O macarrão cozinhou.

Mas esse comportamento não é homogêneo. Com objetos que denotam a trajetória do evento

(PATH)², a aceitabilidade não é tranquila. Em (2a), o tempo do evento depende da extensão da rua; em (2b), depende do tamanho da bola. Essa é a definição intuitiva de PATH:

- (2) a. Maria atravessou a rua > ? A rua atravessou.
- b. Irineu desenhou a bola > ? A bola desenhou.

Há, no entanto, expressões “facilitadoras” dessas inversões causativas, que envolvem desde o tempo e aspecto verbais, advérbios até sentenças relativas (LUNGUINHO, 2017):

- (3) a. O macarrão cozinhou > O macarrão que eu trouxe do super já tá cozinhando.
- b. A BR atravessou muito peão > Essa parte da BR que tá em frente da Bosch já atravessou muito peão hoje pela manhã. E a passarela, uns 500m daqui...
- c. A bola desenhou > A bola da Flavinha desenhou certinho, sem nenhum risco pra fora!

Para além das ginásticas pela aceitabilidade, encontram-se outros dados reais em que as estruturas são intuitivamente enunciadas:

- (4) a. Esse prédio ta construindo desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô. (NEGRÃO; VIOTTI, 2010)
- b. Se eu tivesse mandado o trabalho pro congresso, eles tinham me colocado na mesa que esse assunto tava tratando. (NEGRÃO; VIOTTI, 2011)

Uma orientação decomposicionista e projecionista toma o item lexical do verbo como organizador das novas estruturas argumentais. Um verbo como *cozinhar*, em (1), tem duas entradas: [[X (ACT)] CAUSE [Y BECOME]] e ([X] CAUSE) [Y BECOME] (CANÇADO; AMARAL, 2010). O problema é que, em ambos, há acarretamento de que houve um agente (DOWTY, 1991). A questão que se põe é se há como unificar as entradas, resultando numa teoria que seja menos lexicalmente estruturado do ponto de vista explicativo.

Na tradição gerativa do PB, há inúmeras releituras de hipóteses originais em Pontes (1987), que caracteriza o PB como uma língua orientada para tópico-sujeito, como analisa Galves (1998) em sentenças como *Carpete de madeira não encera* e *A cueca de dinossauros do Calvin está lavando*. De outro lado, o português europeu (PE) revela-se uma língua orientada ao sujeito, com construções alternativas, como a voz média (através do clítico *se*) e a voz passiva: *Carpete de madeira não se encera* e *A cueca de dinossauros do Calvin está a ser lavada* (p. 20). Outra tese inaugural, de Whitaker-Franchi (1989), defende que o PB tende à ergativização, um fenômeno sintático em que

2 Seguindo a literatura basilar de traços semânticos conceituais (JACKENDOFF, 1990, 2012), adotamos sua notação em caixa alta: PATH, PLACE, ANIMATE, COUNT, etc.

“o sujeito gramatical do verbo intransitivo corresponde ao objeto direto do verbo transitivo (e daí o termo “ergativo”)” (p. 25): *Os motoqueiros assustaram a vizinhança > A vizinhança assustou*. Negrão & Viotti (2011) acrescentam à discussão um fator cognitivista (LANGACKER, 1993), segundo o qual a língua estaria historicamente condicionada a um novo modo de conceptualização de mundo através da ergativização. Mas a questão que se levanta aqui vai no olhar de direção oposta: para dentro das unidades semânticas mais refinadas. Onde fica composicionalmente o traço PATH, potencialmente restritivo? E onde fica a justificativa dos “facilitadores”?

Scher & Bassani (2006) postulam o traço \pm TÉLICO das classes aspectuais dos verbos *accomplishments* e *achievements* (VENDLER, 1967, DOWTY, 1979) como condicionador à alternância; e Naves & Lunguinho (2013) acrescentam a associação desse traço ao de \pm MUDANÇA DE ESTADO, atribuído ao complemento de predicados que alternam. No entanto, as perguntas derivam na mesma tendência do olhar composicional: Onde estariam os traços relevantes? Como tratar suas diferentes situações sintáticas?

Outro fenômeno de criatividade linguística (FRANCHI, 2006), em que as estruturas são reformuladas intuitivamente pelo falante, é a causativização de intransitivos - inergativos e inacusativos (FERREIRA, 2017). Aqui, um causador é introduzido na sentença, atribuindo-lhe uma interpretação de causação indireta, em que o agente age sobre outro sujeito que desempenha o evento:

- (5) a. João correu os meninos.
b. Maria nasceu o bebê.

Os facilitadores também ajudam:

- (6) a. João correu ontem os atletas no parque, e não nas esteiras da academia.
b. Maria nasceu o bebê na casa dela mesmo, pois não deu tempo nem de chamar alguém para levar o pessoal pro hospital.

Diferentemente da alternância causativa discutida acima, a causativização de intransitivos não alterna a posição de argumentos, mas sim introduz mais um argumento. Longe de ser um fenômeno histórico só do PB, aparece com frequência significativa em outras línguas, inclusive em dados de criança:

- (7) Tommy fall Stevie truck down (S, 2;2) (BOWERMAN, 1982, *apud* PINKER, 1989, p. 23)

Do ponto de vista da semântica decomposicionista – com tradição na semântica gerativa –, em que o significado do verbo pode ser traduzido por informações menores, Levin & Rappaport-Hovav

(2006) introduzem os primitivos conceituais de ‘causa externa’ e ‘causa interna’. Os eventos de causa externa são tipicamente os de mudança de estado, com verbos como quebrar, abrir e esfriar; já os de causa interna, que não pressupõe um agente externo, são do tipo dançar e cantar. A classificação de Levin & Rappaport-Hovav é estritamente conceitual, ao passo que os termos *inergativo* e *inacusativo* têm motivações exclusivamente sintáticas. Não há como aproximar essas duas orientações. Mas, de pronto, podemos dizer que eles são produtivos em alternâncias, especialmente em dados infantis do PB:

- (8) a. Me corre! (B, 3;3); Me dorme! (Au, 1;11)
b. Eu corri a perna atrás do mano e me machuquei. (B, 3;7.11)
c. Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo. (M, 6;11.2)³

A causativização de intransitivos parece denotar eventos concretos; são sentenças que descrevem eventos referenciados, com valor de verdade, ou com extensão no mundo em situações ostensivamente indicadas. Há, repetidamente, implícita ou não, uma informação de PLACE, que facilita a interpretação (*atrás do mano, no meio do ludo*). Mas as leituras dependem essencialmente da causa expressa pelo verbo? As informações conceituais do verbo não estariam adaptadas pelas condições referenciais da sentença, nomeadamente pela interpretação de PLACE?

Uma terceira evidência da tendência de generalização de causa diz respeito às estruturas transitivas com complemento preposicionado locativo, que passa a ocupar a posição de sujeito:

- (9) a. Eu suei na fronha a noite inteira > Minha fronha suou a noite inteira.
b. A Nair temperou o peixe na mesa e ficou tudo sujo > A mesa temperou o peixe ontem e ficou suja.

Em (9), temos versões da estrutura tópico-sujeito do PB, igualmente ilustrada por Galves (1998) em sentenças do tipo *Bate sol nessa casa > Essa casa bate sol*, e generalizada para ocorrências de sujeito com genitivo, como em *O relógio quebrou o ponteiro*. No entanto, são os locativos invertidos para posição de sujeito que licenciam, inclusive, sentenças interpretadas como impessoais:

- (10) Essa loja aceita cartão. (CARVALHO, 2016)

As questões provocadas pelas sentenças acima trazem informações de PATH e PLACE vindas de outros lugares, que não o verbo, ora para restringir, ora para licenciar três tipos de fenômenos que envolvem movimentos de causação: a alternância causativa, a causativização de intransitivos e a inversão locativa.

3 Dados do projeto de pesquisa institucional de 2007-2012 – Construção de base de dados longitudinais para a aquisição de tempo e aspecto no PB/UFPR.

A seção 2 apresentará uma teoria potencialmente generalizadora para os eventos de causação, locada na Nanossintaxe, cujos preceitos estão em Starke (2009), e diferentes aplicações em Ramchand (2008, 2017), Pantcheva (2009), Caha (2009), Svenonious & Ramchand (2014), dentre outros. Na seção 3, discutiremos dados de experimentos em aquisição, em que se evidenciam 1) restrição de PATH para alternâncias causativas, configurando-a como uma ‘ilha semântica’, porque contém incrementabilidade (KRIFKA, 1992, 1998), e 2) licenciamento de inversões com leituras locativas pela condição de âncora do argumento PLACE, o mais baixo de sentenças com condições de referencialidade proeminentes (CAHA, 2009; FERREIRA, 2017). Isso configura, junto a outros facilitadores locativos, a ‘condição de referencialidade’.

2. Por uma generalização teórica: a Nanossintaxe

A semântica conceitual, na linha de Gruber (1962) e Jackendoff (1990, 2012), prevê um módulo gramatical, pré-lexical, que estrutura as diferentes entradas lexicais. E isso valeria para todas as línguas. No processo de criação de sentenças, a língua atuaria do componente mental à estrutura sintática. No meio do caminho: um módulo conceitual que organiza as informações cognitivas ao formato de decodificação de significados, com orientação projetivista: REPRESENTAÇÃO MENTAL → ESTRUTURA CONCEITUAL → SINTAXE. No preceito conceitual: “Sentenças que se parafraseiam devem ter a mesma estrutura pré-lexical... que expressaria o conjunto total de possibilidades”⁴ (GRUBER, 1962, p. 7)

Nesse sentido, os casos de alternância causativa, causativização e inversão locativa derivam de constituintes conceituais, ou categorias ontológicas básicas –THING, EVENT, STATE, ACTION, PLACE, PATH, MANNER e QUANTITY – submetidas a funções que as relacionam, formando constituintes: GO, ACT, HAVE, BE (JACKENDOFF, 1990). Pinker (1989, p. 208) ainda prevê propriedades básicas da cognição que interagem com essas categorias para estruturar o que for relevante para a gramática: massivo x contável, humano x não-humano, etc.

No PB, o fenômeno da causativização de inergativos, por exemplo, após a estruturação do léxico acima, gera itens lexicais diferentes: *A bola rolou₁ no campo* e *João rolou₂ a bola no campo* (RAMMÉ, 2012):

Rolar₁ : EVENTO → [_{EVENT} GO (THING, PLACE [_{in} THING] , MANNER]

4 “Sentences which paraphrase each other may have the same pre lexical structure... that would express the total range of possibilities.” (As traduções neste trabalho são todas nossas.)

Rolar₂ : EVENTO → [_{EVENT} ACT (THING, EVENT [GO (THING, PLACE [_{in} THING] , MANNER]

Cada item lexical entra na sintaxe já com todas as informações estruturadas. O verbo *rolar*, ambíguo, precisa de duas entradas. No entanto, do ponto de vista da combinação com a sintaxe, seu conteúdo semântico torna-se muito pesado e sua estrutura em nada conversa com a sintaxe via *spell-out*.

Em um caminho oposto, outras teorias semânticas preveem a mesma entrada lexical, mas que sofre operações sintáticas após a inserção lexical. Wunderlich (2011), por exemplo, defende que o sujeito do evento é o elemento da derivação que justifica diferentes leituras ao verbo: “Uma questão ainda em aberto é por que as línguas exibem todas essas operações. A resposta mais plausível é que qualquer participante de um evento deveria ter a chance de ser expressado como o argumento mais proeminente.”⁵(WUNDERLICH, 2011, p. 6). Nas operações em que o verbo sofre redução do argumento externo, há um operador que apaga esse argumento através de um quantificador existencial para a estrutura seguir na derivação. O autor generaliza a operação na notação **PASS**, que também daria conta de antipassivas, reflexivas... e talvez de nossos dados de alternância causativa e locativa:

PASS [$\dots \lambda x \text{ VERB } (x, \dots)$] = $\exists x \text{ VERB } (x, \dots)$

Por outro lado, operações que acrescentam não só o argumento externo mas potencialmente um interno introduzem mais um elemento na estrutura, incluindo sua decorrente relação de causa. Na notação mnemônica, o operador **CAUS** daria conta de resultativos, da causação de línguas ergativas, como o basco, e de nossos fenômenos de causativização de intransitivos:

CAUS [$\lambda e' \text{ VERB } (\dots) (e')$] = $\lambda x. \lambda e \{ \text{ACT}(x) \ \& \ \text{CAUSE} \ \exists e' \text{ VERB } (\dots)(e') \} (e)$

No entanto, aqui, é a sintaxe acima do evento que fica onerada de operadores. Então, parece haver uma dupla tensão. Entre léxico e sintaxe, na semântica conceitual o léxico fica pesado, sem isomorfia estrutural com a sintaxe; na semântica de operadores lógicos, o léxico esvazia-se, e o significado vai depender de arranjos semânticos na sintaxe. Nas duas opções, temos um problema de sobrecarga do sistema formal.

Na Nanossintaxe, o item lexical já vem com uma estrutura sintática, compartilhada e amalgamada à sintaxe da sentença. Nesse sentido, não há mais razão para separar os módulos da sintaxe e do léxico, pois ambos têm o mesmo comportamento, ou obedecem aos mesmos princípios.

5 “A still open question is why languages have all these operations. The most plausible answer is that every participant of an event should get the chance to be expressed as the most prominent argument.”

Melhor ainda, ambos respondem a um preceito cognitivista da recursividade, que na sintaxe gerativa traduz-se por Merge, e na semântica formal, por lambda (λ) (KRIVINE, 2018).

No que foi exposto acima, a Nanossintaxe associa semântica, sintaxe e cognição na mesma estrutura - recursiva, binária, derivacional. E é o léxico que fará esse elo inicial na estruturação da sentença. A generalização que pretendemos com nossos dados parte daqui. Mas, para chegar a eles, precisamos percorrer os princípios gerais da teoria, expostos em programa teórico de Starke (2009).

Se o léxico tem estrutura, ele **não é uma unidade indivisível**, contrariando uma visão sintática tradicional de que o léxico é um conjunto de itens que preenchem nós terminais da estrutura. Por outro lado, isso responde a um preceito cartográfico de multiplicação de nós (CINQUE, 1999), o que não precisa configurar problema, já que, se a cognição vem sustentar a linguagem, é porque ela tem estrutura lambda potencialmente infinita.

Com o olhar à subestrutura (daí o nome ‘nanossintaxe’), tanto morfemas quanto palavras ou sintagmas terão suas especificidades sintático-semânticas e fonológicas. Um item lexical então vem para entrar na sintaxe com três informações: o conteúdo fonológico, o conteúdo sintático e a informação conceitual, ficando no formato **<informação fonológica, árvore sintática, informação conceitual>**. Os traços semânticos que comentamos acima – PATH e PLACE – estão na estrutura sintática. A informação conceitual, por sua vez, faz parte da herança enciclopédica e conhecimento de mundo que o item carrega. A grosso modo, podemos associar os traços semânticos da estrutura à noção de *Sentido*, de Frege (2009), ao passo que a informação conceitual estaria associada à noção de *Conceito* (JACKENDOFF, 1990). Para Frege, o significado, então, não é só referência; ele carrega seu sentido e o conjunto de predicados conceituais que são atribuídos aos indivíduos. A diferença entre sentido e conceito é pertinente aqui, à medida que a literatura dissocia a semântica relevante à gramática e a semântica de variações culturais, que não interfere na gramática. Em pares: Hipótese de representação conceitual irrestrita \neq Hipótese do subsistema gramaticalmente relevante (PINKER, 1989); ‘semantic form’ \neq ‘semantic content’ (WUNDERLICH, 1997); ‘semantic structure’ \neq ‘conceptual structure’ (SAEED, 2003).

Dados os pressupostos teóricos, deriva uma primeira pergunta: como acontece a formação da sentença com esse léxico estruturado? De primeiro momento, a inserção lexical acontece por um mecanismo de **compartilhamento (matching)** entre o item e a sintaxe. Mas nem sempre um item é do mesmo tamanho da estrutura requerida pela frase. Ele pode ser maior ou igual, pode sobrar informação, que fica pressuposta na hierarquia funcional (*f-seq*). Logo, por princípio de superconjunto,

pode sobrar informação, sempre em nós de cima, nomeada como lixo minimizado (**minimise junk**). Quando houver competição entre dois itens lexicais a ocupar uma posição na estrutura, ganha o item que compartilhar o maior número de traços, com menos lixo, em relação à posição sintática em que vai entrar. Um dado infantil para ilustrar o processo:

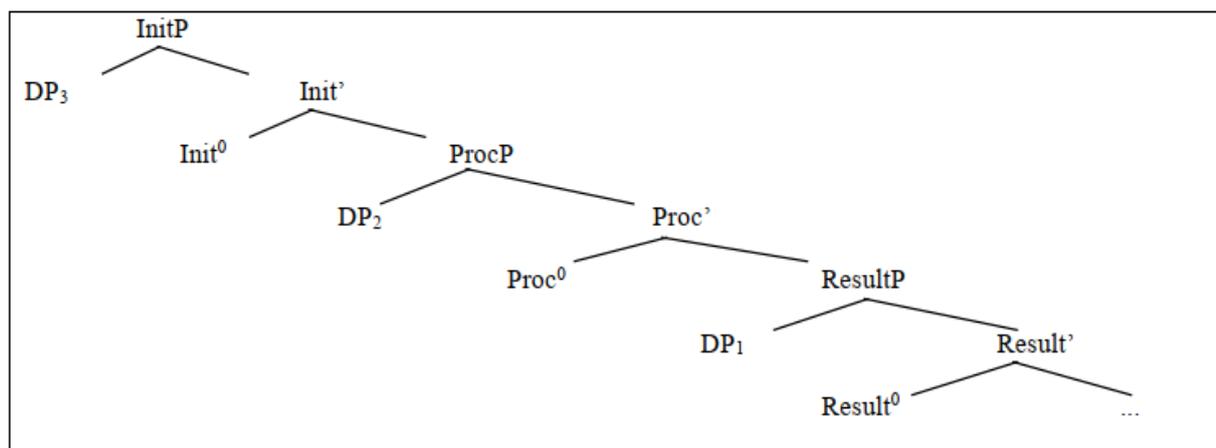
(11) Me roupa! (Au, 2;0)

Na gramática da criança, entra um item lexical nominal no lugar da estrutura transitiva. Segundo Pinker (1989), isso acontece por dois fatores: a) generalização de estruturas ouvidas e b) léxico ainda não formado (p. 292). Em direção à gramática do adulto, *veste* ganha, pelo mecanismo de compartilhamento (matching), pois tem a estrutura verbal, sem lixo, com a posição em que vai entrar: *Me veste!*

Logo, os três princípios acima (compartilhamento, lixo minimizado e lexicalização cíclica) formam o conteúdo básico para explicar o que, em termos genéricos, nomeamos como ‘lexicalização’, ‘codificação’ ou ‘inserção lexical’.

Vamos aos nossos verbos. Entre *João cozinhou o macarrão* e *O macarrão cozinhou*, o item *cozinhar*, por compartilhamento, combina com a estrutura transitiva da sentença. Mas pode sobrar algum pedaço da estrutura também, que por hierarquia funcional (f-seq) deixa-o para cima: são os nós de cima que podem ser ignorados. Logo, *cozinhar* pode lexicalizar as duas estruturas.

Ramchand (2008) representa as subestruturas verbais pelos arranjos de três nós: InitP, ProcP e ResP, na seguinte árvore genérica:



Estrutura X' de primitivos semânticos passíveis de lexicalização em verbos, segundo Ramchand (2008), p. 39.

Olhando de baixo para cima, na derivação *bottom-up*, os nós passíveis de lexicalização pelos verbos são assim semanticamente definidos (p. 45):

ResultP (de ‘resultado’) descreve um estado experienciado pelo sujeito DP_1 :

$$\llbracket \text{res} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e [P(e) \wedge \text{res}'(e) \wedge \text{state}(e) \wedge \text{subject}(x, e)]$$

ProcP (de ‘processo’) descreve um processo entre um evento e_1 e um e_2 . O sujeito desse processo (DP_2) é quem vive a ação (*undergoer*). Se o item verbal codificar também ResP, então $DP_2 = DP_1$, pois sofrerá o processo do verbo e trará um estado resultante:

$$\llbracket \text{proc} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e. \exists e_1, e_2 [P(e_2) \wedge \text{proc}'(e_1) \wedge \text{process}(e_1) \wedge e = (e_1 \rightarrow e_2) \wedge \text{subject}(x, e_1)]$$

InitP (de ‘iniciador’) descreve um estado inicial experienciado pelo sujeito DP_3 , tomado como causa de um processo que acaba no estado resultante. Se o item verbal codificar toda a estrutura, DP_3 não será igual ao sujeito de procP e de resultP:

$$\llbracket \text{init} \rrbracket = \lambda P. \lambda x. \lambda e. \exists e_1, e_2 [P(e_2) \wedge \text{init}'(e_1) \wedge \text{state}(e_1) \wedge e = (e_1 \rightarrow e_2) \wedge \text{subject}(x, e_1)]$$

A ‘causa’ prevista na definição intuitiva de InitP entra formalmente na definição da relação entre e_1 e e_2 :

$e = e_1 \rightarrow e_2$: e consiste de dois subeventos, e_1 e e_2 tais que e_1 implica **causalmente** e_2 . (Hale; Keyser, 1993, *apud* Ramchand, 2008, p. 44)

Nesse sentido, em *João cozinhou o macarrão*, o verbo lexicaliza os três nós da estrutura acima, uma classe natural de verbos que codifica [InitP, ProcP, ResP], que traduz uma estrutura transitiva prevista na gramática da língua.

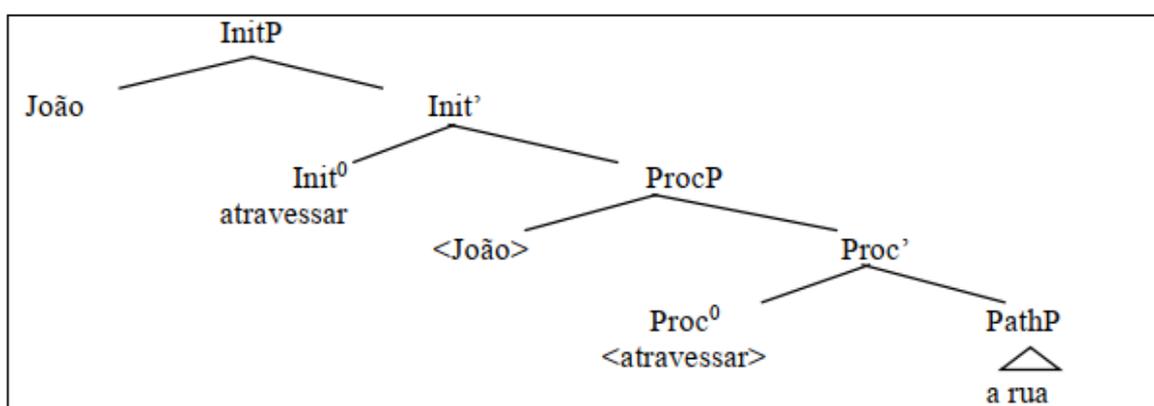
Em *O macarrão cozinhou*, o verbo lexicaliza uma classe natural de intransitivos [ProcP, ResultP], pois compartilha uma estrutura intransitiva igualmente prevista na língua. Além disso, deixou subassociado o nó InitP, que no caso, torna-se o lixo minimizado.

Com os nós carregados da semântica de causa, processo e resultado, a estrutura acima parece generalizar informações temáticas e aspectuais. Tanto aspecto lexical quanto papel temático tornam-se primitivos semânticos com lugares sintáticos. Partindo-se para os conceitos, se e_1 leva a e_2 , isso pressupõe um tempo interno ao verbo, o que Vendler chamou de “a maneira particular com a qual o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo”⁶, encerrando assim a definição de ‘aspecto lexical’ (VENDLER, 1967, p. 21).

6 “... the particular way in which that verb presupposes and involves the notion of time”

No entanto, quando há restrição do tipo ?*A rua atravessou*, precisamos de mais um primitivo. Primeiro, em *Maria atravessou a rua*, o verbo não pode lexicalizar [ProcP, ResultP], pois a rua não sofre nenhuma ação, nem tem um estado resultante de um processo. Ele lexicaliza apenas InitP e ProcP na estrutura de Ramchand. Mas há um complemento que dá a trajetória do evento.

Ramchand, nesse sentido, amplia o conteúdo de XP (indicado abaixo de resP na figura acima) para o que chamou de “material remático” (p. 46, 111), que entra como complemento de qualquer um dos nós verbais. Ele seria lexicalizado por expressões preposicionadas ou não, que explicam, na prova da autora, comportamentos de resultativos, *small clauses*, partículas e informações de localização do movimento: sua trajetória, rota, alvo, lugar (PATH, ROUTE, GOAL, PLACE). Nosso dado de *rua* é PATH. Portanto, *atravessar* lexicaliza [InitP, ProcP, PathP] (p. 73):



Estrutura do verbo *atravessar*, que lexicalizou em *João atravessou a rua*

É aqui que entra a restrição. O complemento Path é incremental e associa-se ao tempo do evento de *atravessar*, que está estritamente ligado à extensão física do objeto, por uma relação homomórfica (Krifka, 1992, 1998). A relação incremental é estrita porque o homomorfismo tempo-espaco vale para quaisquer subtempos e subpartes espaciais. Nisso, tempo e espaco estão fortemente associados por cumulatividade (Krifka, 1998, p. 219):

A relação θ é incremental sse:

houver um relação estrita θ' ;

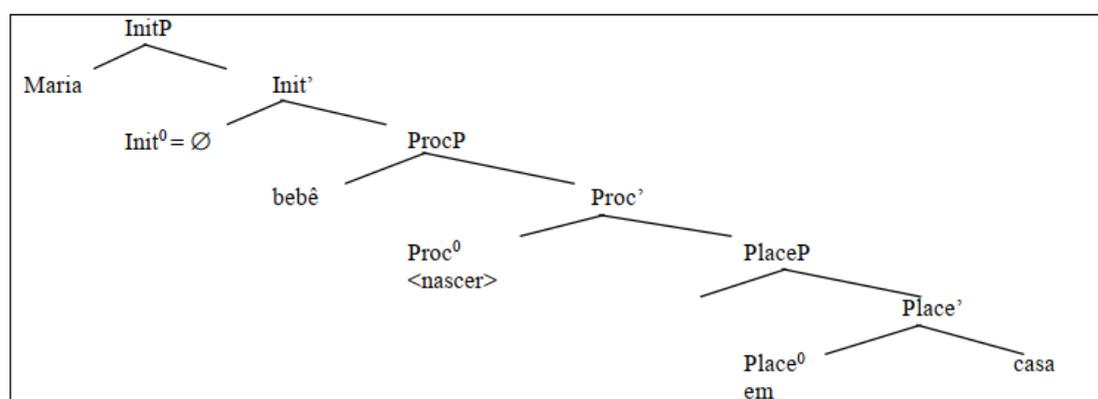
θ é a menor relação que contém θ' e está sob uma relação de soma:

$$\theta' \subseteq \theta \text{ e } \forall x,y \forall e,e' \in E_U [\theta(x,e) \wedge \theta(y,e') \rightarrow \theta(x \oplus y, e \oplus e')]$$

Em prosa intuitiva, qualquer relação θ entre o objeto e o evento será a mesma para as somas entre esses objetos e esses eventos. Logo, há um mapeamento espaço-tempo organizado por cumulatividade. Não dá para quebrar e prever deslocamentos do complemento porque ele está associado ao tempo. Isso é condição de verdade da sentença.

Ross (1967) esboça contextos sintáticos que limitam movimento de sintagmas WH, no âmbito da Gramática Gerativa Transformacional (GGT), chamando-os de “ilhas sintáticas”. Em motivação para a paráfrase, a incrementabilidade seria em nosso contexto nomeado como **ilha semântica**, pois não se extrai o objeto que tem relação incremental estrita com o tempo. Observe-se que os eventos de ‘O macarrão cozinhar’ e ‘Essa casa bater sol’ não dependem da relação incremental para serem interpretados: não é a extensão do macarrão nem a extensão da casa que vão dizer sobre o tempo de duração do evento. O falante intui isso⁷.

Quanto à causativização de intransitivos, Ferreira (2016, 2017), no aparato da Nanossintaxe, sinaliza para o facilitador PLACE para representar o licenciamento de sentenças do tipo “*Joana subiu os copos* e ^{OK} *Joana subiu os copos pra prateleira de cima* (p. 154), em que o verbo lexicaliza um complemento de lugar. A primeira sentença seria ruim porque PLACE fica subassociado na estrutura preposicional, ao passo que, com a realização de PLACE (*pra prateleira de cima*), a segunda sentença fica boa. Caha (2009) prediz, por Condição de Âncora, que o argumento mais baixo de uma estrutura lexicalizável é interpretável, mesmo que não pronunciado e/ou implicado pelo contexto. Nesse sentido, o argumento mais baixo é o menos ‘ignorável’. Para a causativização de intransitivos, Ramchand (2008, p. 86) propõe uma estrutura com o núcleo de InitP vazio (InitP = \emptyset), o qual pode ser lexicalizado, nos casos em que há interpretação de causação indireta. Em uma sentença como *Maria nasceu o bebê em casa*, o verbo lexicaliza [InitP, ProcP, PlaceP]:



Estrutura do verbo *nascer*, lexicalizado em *Maria nasceu o bebê em casa*.

7 No PB, Pires (2016) trata da inversão locativa no PB partindo das estruturas tópico-locativas e chegando às alternativas de Ramchand (2008). Rammé (2017) explora a estrutura preposicional para analisar a história das preposições locativas no PB: em reanálise, as preposições lexicalizam pedaços de nós diferentes (PANTCHEVA, 2009).

O fenômeno responde de certo modo ao preceito localístico, atribuído a Gruber (1962), em que as sentenças básicas são aquelas que prevêem (em termos da semântica cognitiva) um *movimento* de uma *figura* a um *fundo* num *espaço* concreto, em que se desencadeia uma relação de *causa* (TALMY, 2001). Jackendoff (2012, p. 122) propõe que as sentenças genéricas e abstratas ('nonspatial') derivam dessas, ou seja, elas obedecem a estruturas algébricas paralelamente semelhantes.

Mas ao lado de um complemento PLACE, co-atuam outras expressões facilitadoras, como demonstrativos ((12a e b), pois têm efeito dêitico), relativas ((12c), pois restringem um conjunto de indivíduos a um conjunto específico), descrições definidas ((12d), pois, aqui, especifica a relação de posse, que especifica *a bola*), etc. Negrão e Viotti (2010) nomeiam a pressuposição de um sujeito agente como "força indutora" da causação. Do ponto de vista semântico, essas expressões são consideradas como 'referenciais', ou seja, participam da referência de indivíduos concretos e específicos no mundo: são factuais, e obedecem a uma modalidade do 'realis'. De alguma forma são ostensivamente identificadas no mundo real previsto pelos falantes:

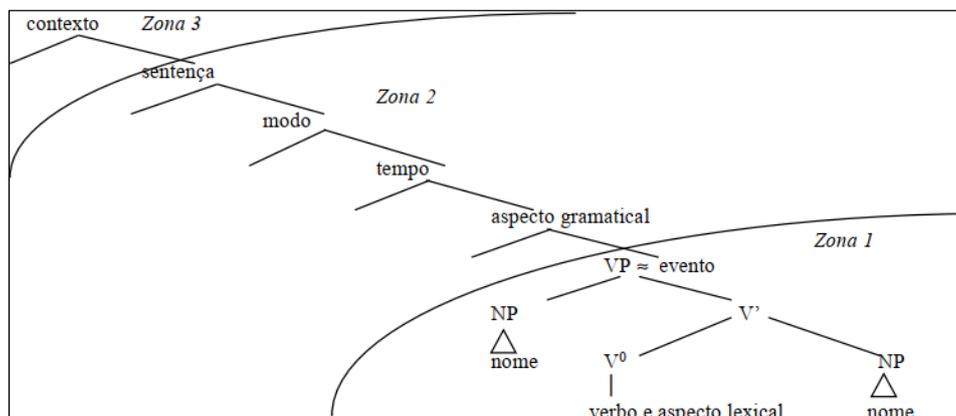
- (12) a. Esse prédio ta construindo desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô (NEGRÃO & VIOTTI, 2010).
 b. Essa loja aceita cartão (CARVALHO, 2016).
 c. A música que eu gosto tocou no rádio hoje pela manhã (REZENDE, 2016, p. 97)⁸.
 d. A bola da Flavinha desenhou certinho, sem nenhum risco pra fora.

Logo, se Ferreira (2017) atribui ao argumento realizado PLACE a facilidade de causativização de intransitivos, se as sentenças acima exibem invariavelmente algum índice que contribui para a referencialidade da sentença, temos mais uma pista para outra generalização. Os índices contribuem composicionalmente para a existência de um evento concreto, localístico, que encerra uma quantificação existencial $\exists e$.

Há, de fato, etapas diferentes da derivação. Na primeira etapa, configuram-se as condições de referencialidade, através de índices presentes tanto nos DPs sujeitos e complementos dos nós verbais, como nos advérbios circunstanciais de tempo e lugar. PLACE ganha mobilidade porque é o último constituinte potencialmente complemento de qualquer conjunto de nós lexicalizados, por Condição de Âncora. Na segunda etapa, das operações sintáticas, o evento descrito na primeira etapa

⁸ Rezende (2016) desenvolve um experimento de aceitabilidade de sentenças absolutas (ergativas) em crianças falantes do PB, em dois grupos: de 4;0 a 4;11, e de 5;0 a 6;3. Nos resultados, os adultos rejeitam bem mais do que as crianças mais jovens. Suas sentenças, invariavelmente, continham índices de referencialidade, se não de LUGAR, de instrumento ou substância: *O chão limpou perto da porta, O jardim destruiu do lado da árvore, A casinha construiu com tijolo marrom, A cerca pintou com tinta vermelha*, etc. (p. 105).

é instanciado no aspecto, tempo e modalidade. A terceira etapa concentra as operações de motivação pragmática: as estruturas de tópico, foco e os nós relativos aos elementos do ato de fala (HILL, 2015). Ao subir, na derivação, o evento parte para \exists e. Ramchand & Svenonious (2014) e Ramchand (2017) propõem a derivação dividida em três ‘zonas’:



As zonas da derivação, em Ramchand & Svenonious (2014), p. 15,21.⁹

Em mais uma paráfrase, se a semântica referencial trata das “condições de verdade” das sentenças, e não da ontologia do modelo de mundo (BASSO, 2013), que pode alargar condições pragmáticas, os índices de referencialidade acima poderiam constituir as **condições de referencialidade**, de que partem muitos vetores de análise.

Se há traços que restringem e outros que facilitam os fenômenos de alternância e causativização analisados acima, torna-se interessante a realização de investigação empírica. É o que esboçaremos através de dados infantis.

3. A análise dos dados infantis

Em experimentos realizados no âmbito dos projetos de pesquisa focados na aquisição de categorias semânticas do PB¹⁰, resgataremos aqui dois deles¹¹, que trouxeram dados significativos para o que nomeamos acima como “ilha semântica” da trajetória e “condições de referencialidade”

9 VonFintel & Mathewson (2008) também dividem a estrutura derivacional em três ‘blocos’ semelhantes aos de Ramchand & Svenonious (2014), sugerindo que os universais semânticos têm esses três *loci* para verificações translinguísticas: o inventário lexical, concentrando-se no evento; os operadores composicionais de significado no bloco intermediário; os mecanismos pragmáticos (p. 140)

10 Os projetos de pesquisa resgatados aqui e envolvidos na aquisição de categorias semânticas do PB, além de 2007-2011, têm os seguintes títulos: Primitivos semânticos e aquisição de estrutura argumental no PB (2012-2016) e Causação e telicidade em dados de aquisição do português brasileiro (PB) (2019-atual).

11 Os projetos para a realização dos experimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (CAAE 87550418.6.0000.0102. Número do parecer: 2.675.186).

das expressões espaciais: o primeiro, com o objetivo de checar alternância causativa; e segundo, de checar preenchimento da posição de sujeito com elementos de PathP.

Para observar as produções de alternâncias causativas, a metodologia experimental utilizada foi a de produção eliciada (“elicited production task”) (CRAIN; THORTON, 1998) em 74 crianças na faixa entre 3 e 9 anos, em uma escola particular da cidade de Curitiba, no ano de 2010. O mesmo experimento foi realizado junto a 10 (dez) adultos. Optamos por provocar contextos com os eventos de *quebrar a bolinha*, *ler o livro*, *atravessar a rua* e *desenhar o círculo*; com exceção do primeiro, os três outros têm tema incremental (PATH). As crianças e adultos assistiram a vídeos, e a entrevistadora perguntava: “O que aconteceu com a bolinha”, “O que aconteceu com o livro?”, e assim por diante.

Nesse sentido, a variável independente do experimento, controlada pela pesquisa, é o traço PATH, ao passo que a dependente é a própria estrutura de alternância. Partimos da hipótese inicial de que PATH restringe alternância causativa, assumindo a hipótese nula de que a alternância aconteceria independentemente dos traços semânticos dos verbos.

Optamos neste experimento por imagens gravadas por acreditarmos serem mais fiéis à percepção visual da criança sobre o mundo. Imagens em desenho ou animação contêm usualmente o apelo ao imaginário, além de serem, usualmente, confusas. Com desenhos, a criança ganha uma dificuldade perceptual a mais: passar a interpretação de seu mundo ordinário ao mundo da imaginação (JACKENDOFF, 1990).

No evento de *quebrar a bolinha*, o sujeito agente era +ANIMADO e o objeto afetado era – ANIMADO. Esse traço não foi controlado inicialmente, mas tornou-se fator semântico determinante para o apagamento do participante *bolinha* (CYRINO, 2018). Na maioria das respostas, a estrutura foi construída com sujeito apagado, evidenciando a alternância causativa: J. (2; 9. 5): *Caiu no chão*; V. (3; 4. 19): *Destruiu*; L. (3; 5. 28): *Quebrou*.

Com relação ao evento *ler o livro*, com tema incremental, as respostas prototípicas foram as seguintes: B. (4; 4, 18): *Ela leu tudo*; V. (6; 1, 17): *Ela leu*. Os adultos preferiram formas de passiva verbal (*foi lido*). Mas ninguém respondeu com alternância: *Ele leu*. Aqui, o gênero do sujeito agente e do objeto são diferentes: feminino e masculino, respectivamente.

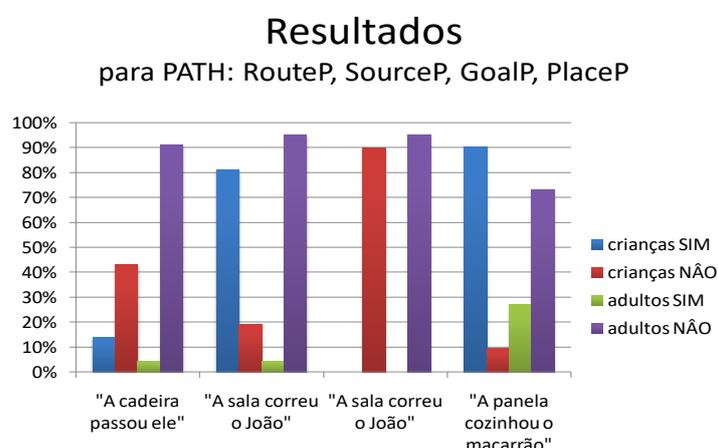
Outras cenas testadas foram de *atravessar a rua* e *desenhar a bola*, também com tema incremental. Algumas respostas emblemáticas: A, 5;4.7: *Eu sei já... uma bola. O que aconteceu não sei mas era uma bola*; Y, 5;8.14: *Desenhando uma bola... O que aconteceu?* ; Y, 5;8.14: *Com a rua? Com a rua... Com a rua não aconteceu nada!*

Mas o dado mais significativo foi que nenhuma criança e nenhum adulto produziu *A rua atravessou* e *A bola desenhou*. Assim, fica sistematizada nossa hipótese: o complemento PathP, sendo incremental, restringe alternância causativa.

Um segundo experimento, agora de 2017, recortou o objetivo de analisar causativização em julgamento de aceitabilidade (“judgement test”) por meio de extração de traços internos a PathP, sem o foco à incrementabilidade. Se PATH contém a sequência hierárquica PATH [ROUTE [SOURCE [GOAL [PLACE]]]], a intenção era avaliar aceitabilidade de sentenças com um desses constituintes abaixo de PATH ocupando a posição de sujeito, sem um indivíduo causador no contexto visível: *A sala correu o João*. Numa segunda etapa, com um indivíduo causador, as sentenças avaliadas eram do tipo *Ele andou o bonequinho* e *Ela nasceu o bebê*.

Nisso, o experimento acompanhou os mesmos pressupostos do teste anterior: modularização à gramática do adulto (CRAIN; THORTON, 1998), e apresentação de vídeos reais, sem mundo imaginário (JACKENDOFF, 1990). Foram testadas 21 crianças entre 3;4 e 5;6 em ambiente escolar e 22 adultos. Novamente, as variáveis independentes são os traços da hierarquia de PATH; e as dependentes, as alternâncias. A hipótese inicial é a de que, de acordo com a Condição de Âncora, PLACE está presente na interpretação e não traz restrição para alternância, ao passo que os traços intermediários, sim. Como hipótese nula, novamente, a alternância se daria independentemente da semântica dos traços de PATH.

Com as cenas sem agente causador, na primeira etapa, a extração de RouteP (*A cadeira passou ele*) e a de GoalP (*A sala correu o João*) mostraram-se inaceitáveis, inclusive para adultos. Uma única criança aceitou *A cadeira passou ele*. Mas 80% das crianças aceitaram *A sala correu ele*, no evento em que o João saía correndo da sala, sem um outro sujeito causador, configurando SourceP, sem preposição, na posição de sujeito. Aqui, em *A sala correu ele* com SourceP, só um adulto aceitou a sentença. Em gráfico:



Uma possível análise para o dado pode recuperar a representação cognitiva da cadeia causal, de Talmy (2000), por princípio atuante na criança. Elas identificam o lugar-fonte como o causador do movimento, mas não o lugar-alvo, gerando aceitabilidade na cena em que João sai *da* sala sozinho. Na Nanossintaxe, a criança lexicaliza [InitP, ProcP]. Mas, na modularização à gramática do adulto, o item *correr* vai aceitar melhor a estrutura causativizada *Ela correu o João da sala*, por princípio de ciclicidade na lexicalização do item.

Em uma última cena, em que aparecia uma panela com macarrão no fogão ligado, 90% das crianças aceitaram *A panela cozinhou o macarrão*, ao passo que os adultos aceitaram em 28%. O PLACE aqui mostrou o melhor resultado – ocupando a posição de sujeito. Mas o verbo não é intransitivo e aceita inversão locativa, e não causativa

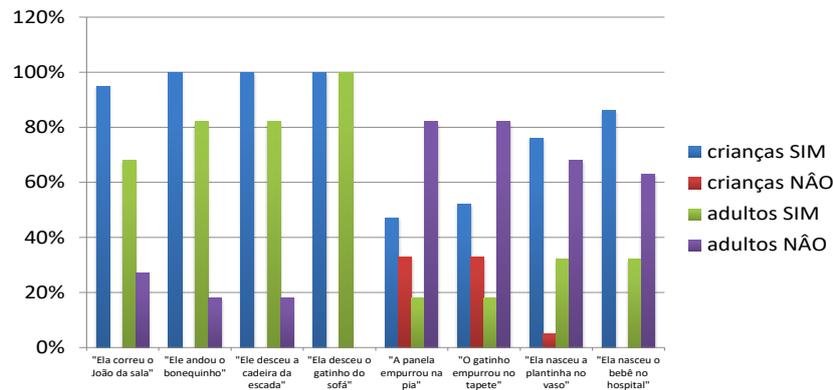
Na segunda rodada de cenas, as sentenças testadas foram: 1) *Ela correu o João da sala*; 2) *Ele andou o bonequinho*; 3) *Ele desceu a cadeira da escada*; 4) *Ela desceu o gatinho do sofá*; 5) *A panela empurrou na pia*; 6) *O gatinho empurrou no tapete*; 7) *Ela nasceu a plantinha no vaso*; 8) *Ela nasceu o bebê no hospital*. As duas últimas sentenças acompanharam imagens sequenciais, e não vídeos.

As crianças e os adultos exibiram maior aceitação nas quatro primeiras sentenças, especialmente na quarta, em que a preposição *de* lexicaliza [SourceP], o que vai ao encontro dos dados de aceitação das crianças em *A sala correu ele*, da primeira etapa do experimento. A segunda sentença, *Ele andou o bonequinho*, mostrou alta aceitabilidade, mesmo sem a realização de PlaceP, indicado aqui pelo contexto, pois a ação se deu acima de uma mesa. Isso corrobora a hipótese de Ferreira (2017): mesmo com PLACE implicado no contexto, por Condição de Âncora, o traço não fica ignorado.

Nas sentenças *A panela empurrou na pia* e *O gatinho empurrou no tapete*, temos igualmente a presença de um sujeito causador, mas a aceitação da alternância não é satisfatória. O verbo faz parte de uma classe de eventos conhecidos como *push-verbs* (VERKUYL, 1993), ou, em termos clássicos, um verbo de atividade que expressa transitividade, mas não causatividade (como *dirigir*, *abastecer*, *conduzir*, etc.). Ele lexicaliza [ProcP] com complemento nominal; e aqui, o PLACE realizado (*na pia* e *no tapete*) não favorece alternância.

Quanto às duas últimas – *Ela nasceu a plantinha no vaso* e *Ela nasceu o bebê no hospital*, a aceitação das crianças foi maior (só uma criança rejeitou) do que a dos adultos. No gráfico:

Resultados para causativização



Conclusão

Neste artigo, desenvolvemos, sob os preceitos da Nanossintaxe, a análise de três fenômenos de causação: alternância causativa, causativização de intransitivos e inversão locativa. O modelo oferece um tratamento generalizador para a lexicalização de itens verbais a partir do pressuposto de que léxico e sintaxe compartilham a mesma estrutura – recursiva, binária, derivacional. Traços semânticos de [InitP, ProcP, ResultP] combinam-se para dar conta de leituras polissêmicas de verbos, em suas tradicionais interpretações aspectuais e temáticas. Na mesma direção, uma estrutura (que pode ser preposicional) dá conta de complementos na estrutura de eventos, configurando PATH como um traço restritor de alternância por princípio de isomorfismo incremental de tempo-espço internamente a VP, e PLACE como um traço facilitador de acréscimos e inversões sintáticas. Chamamos o primeiro fenômeno de “ilha semântica”, e o segundo de “condição de referencialidade”. Para fortalecer a argumentação, recorremos a dados de experimentos com crianças em fase de aquisição do PB.

O fenômeno abrangente de causação não é pontual. Não é empregado exclusivamente pelas crianças, tampouco fica concentrado em dados de fases iniciais: *Me dorme* (Au, 1;11); *Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo* (M, 6;11). Adultos também se aventuram nessas opções criativas (FRANCHI, 2006). O fenômeno também não está concentrado no PB: *The experience grew me up in a hurry* (dado coletado de adulto em Pinker (1989, p. 153). Muito menos, é contemporâneo. A tradição retórica vem chamando as estruturas de figuras de linguagem, concentradas ora na personificação, ora na metonímia (REBOUL, 1996).

Mas podem surgir outros ganchos para uma análise futura. Se formos resgatar a analogia entre aquisição de linguagem e mudança histórica, de Lightfoot (1999), podemos comentar que as crianças

testam as estruturas de causa em [InitP, ProcP, ResultP] com o vocabulário que têm em mãos. Por isso, as esquisitices do tipo *Me roupa!* (Au, 2;0). Mas dados semelhantes passam pelo nosso dia a dia de gente adulta sem nos darmos conta, muito menos em estranhamentos. Pinker (1989) formula os conceitos de “regras largas” (as que são comumente aceitas no sistema de uma língua) e as “regras estreitas” (as que surgem por criatividade). Elas monitoram aquisição e história. Mas isso é sistêmico, e não individual, como acreditavam os literatos românticos.

Onde ficam essas mudanças históricas? Os itens verbais ‘novos’ também são unidades da língua, e carregam o conteúdo conceitual que deixamos de lado na representação nanossintática: <informação fonológica, árvore sintática, **informação conceitual**> (STARKE, 2009). Essa informação também vem para o processo de lexicalização.

Então, *correr* com alternância está mais lexicalizado que *nascer*; *andar* está tão lexicalizado quanto *descer*. Esses verbos já caíram nas regras largas do PB, e, portanto, já são reconhecíveis pelas crianças. Mas não vemos o mesmo comportamento em *caminhar* ou *cair*; ou pior: em *locomover* ou *aterrizar*. As regras largas e estreitas vêm fundamentar restrições facilmente verificáveis, como na alternância dativa do inglês: *John gave Sam a dish* é boa, mas *John donated the museum a paniting* não é, o que ilustra o Paradoxo de Baker (PINKER, 1989, p. 7). Ora, *give* está muito mais gramaticalizado do que *donate*. Esses processos de lexicalização acompanham a história do inglês. E a ‘informação conceitual’ vem carregada desses vieses.

Por fim, se estamos considerando a Nanossintaxe como a possibilidade de generalização gramatical, rompendo com a noção de módulos independentes, então precisamos olhar para outros componentes da língua: a fonologia, a variação, a mudança. Historicamente, o PB revela dados já sistematizados, haja vista Castilho (2018) e volumes subsequentes. Não seria então o conteúdo informacional tão irrelevante; ele contém a história do léxico. Mas isso é muita coisa para agora. O bom é que temos temas tão instigantes quanto originais para preencher nossos futuros projetos de pesquisa - em épocas pós-estruturalistas.

REFERÊNCIAS

- BASSANI, Indaiá de S.; SCHER, Ana Paula. Os traços temporais e as sentenças de alternância ergativa do português brasileiro. In: *Revista Letras*, n. 69, Curitiba: Ed. UFPR, p. 225-245, maio/agosto, 2006.
- BASSO, Renato. Semântica referencial. BASSO, R.; FERRAREZI Jr., C. *Semântica, semânticas – uma introdução*. São Paulo: Ed. Contexto, 2013, p. 135-151.
- CAHA, Pavel. *The nanosyntax of case*. Tese de doutorado, Universidade de Tromsø, 2009, 334p.
- CANÇADO, Márcia; AMARAL, Luana. A representação lexical dos verbos incoativos no PB. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 2, jul-dez/2010, p. 123-147.
- CARVALHO, Janayna. A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, 288p.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). *O português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto/Fapesp, v. 1, 2018.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: across-linguistic perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. Campinas: Martins Fontes, 3ª. ed., 2001[1988].
- CYRINO, Sônia. Observações sobre a mudança diacrônica no português brasileiro: objeto nulo e clíticos. In: Roberts, I.; Kato, M. (Orgs.). *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. São Paulo: Contexto, 2018, p.129-142.
- CYRINO, Sônia; MATOS, Gabriela. Anáfora do complemento nulo: anáfora profunda ou de superfície? Evidência do Português Brasileiro e Europeu. In: *Letras de Hoje*, 41, 1, 2006, p. 121-141.
- CRAIN, Stephen; THORTON, Rosalind. *Investigations in universal grammar – a guide to experiments on the acquisition of syntax and semantics*. MIT Press, 1998.
- DOWTY, David. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Reidel, 1979.
- _____. Thematic proto-roles and argument selection. In: *Language*, 67, no. 3, 1991, p. 547-619.

FEREIRA, Thayse L. Como a sintaxe de primeira fase pode contribuir para a análise da causativização de inergativos em PB. In: Revista da ABRALIN, v. 15, n. 1, 2016, p. 19-31.

_____. *O processo de causativização de inergativos e inacusativos no PB: por uma abordagem nanossintática*. Dissertação de mestrado, UFSCar, 2017, 173p.

FRANCHI, Carlos. Linguagem - atividade constitutiva. Franchi, E.; Fiorin, J.L. (Orgs.) *Linguagem, atividade constitutiva – teoria e poesia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011[1977].

FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2009[1892].

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 34, 1998, p. 7-21.

GRUBER, Jeffrey S. *Studies in lexical relations*. Tese de doutorado (PhD), MIT, Cambridge, Mass, 1965, 310p.

HILL, Virginia. *The Grammar of conversation: how much of it is syntax?* University of New Brunswick (mimeo), 2015.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

_____. *Meaning and the lexicon – the parallel architecture (1975-2010)*. Oxford University Press, 2012.

KRIFKA, Manfred. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In SAG, I. A.; SZABOLCSI, A. (Eds.). *Lexical matters*. Stanford: CSLI lecture notes, n. 24, 1992, p. 29-53.

_____. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Kluwer Academic Press, 1998, p. 197-235.

KRIVINE, Jean-Louis. A propos de l'intuition en mathématiques, 2018, <https://www.irif.fr/~krivine/articles/Intuition.pdf>, (acessado em 02/05/2019).

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LIGHTFOOT, David. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999.

LUNGUINHO, Marcos. Facetas da alternância causativa em PB: aspecto e construções de tópico-sujeito. Conferência PPGLetras/UFPR, 2015.

NAVES, Rozana R.; LUNGUINHO, Marcus. Aspecto e alternância causativa. In: Naves,R.; Salles, H. Pilati, E. Vicente, H.G. (Orgs.). *Temas em teoria da gramática*. Brasília: Thesaurus, 2013, p. 183-200.

NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. A estrutura sintática das sentenças absolutas no português brasileiro. *Linguística*. Madrid, v. 23, 2010, p. 37-58.

_____. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: Da HORA, D.; NEGRÃO, E. (Eds.) *Estudos da linguagem – casamento entre temas e perspectivas*, João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2011, p. 37-61.

PANTCHEVA, Marina Blagoeva. Directional expressions cross-linguistically: nanosyntax and lexicalization. In: *Nordlyd* 36, 1 special issue on Nanosyntax. Svenonious, P; Ramchand, G. Starke, M.; Taraldsen, K.T. (Eds.), 2009, p. 7-39.

_____. *Decomposing Path: the nanosyntax of directional expressions*. Tese de doutorado, Universidade de Tromsø, 2011, 301p.

PINKER, Steven. *Learnability and cognition – the acquisition of argument structure*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1989.

PIRES, Marcos E. *Nanossintaxe dos domínios verbal e preposicional nas construções de inversão locativa do português*. Tese de doutorado em Estudos Linguísticos, UNICAMP, 2016, 209p.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Ed. Pontes, 1987.

RAMCHAND, Gillian Catriona. *Verb meaning and the lexicon*. Cambridge, 2008.

_____. *Situations and syntactic structures – rethinking auxiliaries and order English*. The MIT Press, 2017.

RAMCHAND, Gillian; SVENONIOUS, Peter. Deriving the functional hierarchy. *Language Sciences*, n. 6, 2014, p. 1-37.

RAMME, Valdilena. *A expressão do deslocamento nas línguas naturais*. Dissertação de mestrado em Letras-Estudos Linguísticos, UFPR, 2013, 148p.

_____. *Mudança semântica no pb: reanálise restringida pela hierarquia funcional-conceitual universal*. Tese de doutorado em Letras-Estudos Linguísticos, UFPR, 2017, 318p.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: M. Fontes, 1998.

REZENDE, C.de. *Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental*. Dissertação de mestrado, USP, 2016, 144p.

ROSS, John Robert. *Constraints on variables in syntax*, Dissertação de PhD, MIT, 1967, 523p.

SAEED, John I. *Semantics*. Cambridge, MA: Blackwell, 2a. ed., 2003[1997].

STARKE, Michael. *Nanosyntax: a short primer to a new approach to language*. Special issue on Nanosyntax. Nordlyd, v. 36, n.1, 2009.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I e II. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2001.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, Henk J. *A theory of aspectuality*– the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VON FINTEL, Kai; MATTHEWSON, Lisa. *Universals in semantics*. In: *The Linguistic Review*, 25, p. 139-201, 2008.

WHITATER-FRANCHI, Regina C.M. *As construções ergativas – um estudo semântico e sintático*. Dissertação de mestrado em Linguística, UNICAMP, 1989, 193p.

WUNDERLICH, Dieter. *Operations on argument structures*. In: Maienborn, Claudia; von Heusinger, Klaus ; Portner Paul (Eds.) *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, Volume 3, 2012, p. 2224-2259.

_____. *Cause and structures of verbs*. *Linguistic Inquiry*, 28, 1997, p. 27-68.